

La Comédiathèque

Breves do jardim

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Breves do jardim

Comédia de esquetes

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

«No trono mais alto do mundo, continuamos sentados sobre o nosso próprio cu», dizia Montaigne. Portanto, imaginem num banco de jardim...

Num jardim público, num banco, vão-se sentando sucessivamente várias personagens com destinos singulares que, por vezes, se cruzam.

Elenco:

21 personagens, para 5 a 21 atores ou atrizes.

Elenco muito flexível em número e género: cada intérprete pode representar várias personagens e quase todos os papéis podem ser masculinos ou femininos.

1 – Caça ao tesouro.....	3
2. Fim de férias.....	6
3. O autor em questão.....	9
4. As ovelhas.....	11
5. Pausa para café.....	13
6. Pelos cabelos.....	16
7. O banco da discórdia.....	18
8. Encontro romântico.....	20
9. Sem-abrigo.....	22
10. As pessoas.....	24
11. As fichas.....	27

1 – Caça ao tesouro

Um banco num jardim público. Chega um homem, seguido por uma mulher que traz um saco. Têm um ar um pouco rude. O homem olha à sua volta, inquieto.

Homem – Anda, despacha-te, não está aqui ninguém...

Mulher – Tens a certeza de que é aqui?

Homem – Já te disse que é aqui!

Mulher – Porque há bocado também dizias que era aqui e...

Homem – Não era o jardim certo. Era o banco certo, mas não era o jardim certo.

A mulher fica perplexa por um instante.

Mulher – Como é que pode ser o banco certo se não é o jardim certo?

Homem – Porra! Queres parar de discutir de uma vez? Tira a pá e começa a cavar!

A mulher abre o saco e tira uma pequena pá militar dobrável, que desdobra resmungando.

Mulher – E porque é que sou sempre eu a cavar...? Ainda por cima, da última vez puseste-me a cavar para nada...

Homem – Isso foi há dez anos, portanto, claro...

Mulher – Apanhaste dez anos de prisão por assaltar um supermercado?

Homem – Um casino! Não um supermercado...

Mulher – Ah, um casino... E quanto é que está aí debaixo?

Homem – Não sei... Não tive tempo de contar, imagina... O suficiente para encher um saco, de qualquer maneira...

Mulher – Ah, então assim já estou disposta a cavar. Um casino... Eu, que nunca tive sorte ao jogo.

Homem – Se queres ter a certeza de ganhar o jackpot na roleta, tens de aparecer com uma pistola.

Mulher – Espero que contigo me tenha saído o número certo...

O homem volta a olhar à sua volta. A mulher prepara-se para dar a primeira pazada.

Homem – Guarda a pá...

Mulher – O quê?

Homem – Guarda a pá e senta-te, estou-te a dizer! Vêm aí dois polícias...

A mulher, contrariada, guarda a pá. Sentam-se no banco.

Mulher – Tira a pá, guarda a pá... Decide-te... E agora, o que fazemos?

Homem – Nada. Sentamo-nos e esperamos.

Esboça um sorriso forçado. A mulher olha para ele, intrigada.

Mulher – Porque é que estás a sorrir como um idiota?

Homem – Não estou a sorrir! Estou a fazer cara de inocente...

Mulher – De inocente?

Homem – Para a polícia não dar por nós! Faz tu também de conta que não se passa nada.

A mulher hesita e depois imita o sorriso artificial do homem. Ficam assim durante um momento, imóveis.

Mulher – Estou a começar a ter uma câibra no maxilar.

Homem – Pronto, já passaram.

Mulher – Não eram polícias. Eram guardas do jardim.

Homem – E como é que sabes?

Mulher – Estava escrito nos bonés. Não sabes ler?

Homem – Sabes muito bem que não. Para que é que perguntas?

Mulher – Eram guardas do jardim, estou-te a dizer.

Homem – Está bem, eram guardas do jardim. E depois? O que é que isso muda?

Mulher – Nada.

Homem – Não podemos pôr-nos a cavar um buraco com uma pá numa caixa de areia com esta gente toda à nossa volta.

Mulher – As caixas de areia servem para isso, não?

Homem – Para os miúdos, sim. Mas se nos virem a nós, vão achar suspeito.

Mulher – Então porque é que enterraste o dinheiro todo numa caixa de areia? No meio de um jardim público!

Homem – Tinha a polícia à perna! Não tinha muito tempo para pensar. E como não tinha pá... cavar na areia com as mãos era mais fácil.

Mulher – Olha, vem aí mais gente...

Homem – Não faz mal. Voltamos esta noite, quando estiver escuro.

Mulher – O jardim fecha às sete. Está escrito à entrada. Não leste o aviso.

Homem – Não, não li o aviso...

Mulher – Pois, esta noite estará fechado.

Homem – Melhor. Assim, pelo menos, ninguém nos incomoda.

Preparam-se para sair.

Mulher – Enterraste o saco bem fundo, não enterraste? Com os miúdos todos a cavar na areia o dia inteiro...

Homem – Não te preocupes. Fiz um buraco bem grande.

Mulher – Grande quanto?

Homem – Grande o suficiente para enterrar um cadáver...

Ela lança-lhe um olhar um pouco inquieto. Afastam-se.

2. Fim de férias

Chegam duas mulheres e sentam-se no banco. A primeira chama uma criança que não vemos, do lado da plateia.

Mulher 1 – Nãourras assim, Kevin, ainda vais cair outra vez!

Mulher 2 – Ai, estes miúdos...

Mulher 1 – Nesta idade precisam de gastar energias, claro.

Mulher 2 – Sobretudo os rapazes.

Mulher 1 – Sim...

Mulher 2 – É como o cão. Se não o levamos à rua pelo menos uma vez por dia, à noite ninguém o aguenta.

Mulher 1 – O meu marido é igual.

Mulher 2 – Cuidado para não sujares o vestido, querida! Já mudaste de roupa três vezes desde esta manhã.

Mulher 1 – Ainda bem que amanhã voltam à escola.

Mulher 2 – Nem me fales nisso. Já não posso mais.

Mulher 1 – Ontem fomos à piscina e ele quase se afogou.

Mulher 2 – Não me digas!

Mulher 1 – Eu estava a falar com o nadador-salvador. Ele caiu na piscina grande e nós nem demos por isso.

Mulher 2 – Ainda não sabe nadar?

Mulher 1 – Pelos vistos, não. E já anda em aulas há seis meses. Eu estava precisamente a falar disso com o professor de nataçãodele.

Mulher 2 – Ah, sim, o nadador-salvador... Não é nada mau, pois não?

Mulher 1 – Conheces?

Mulher 2 – Também dá aulas à Clara.

Mulher 1 – E quando dizes que não é nada mau... estás a falar como professor?

Mulher 2 – Também, sim...

Riem-se.

Mulher 1 – Enfim, ainda bem que estava lá uma senhora. Mergulhou até ao fundo para o tirar de lá. Ele já estava completamente azul. O nadador-salvador teve de lhe fazer respiração boca-a-boca.

Mulher 2 – Boca-a-boca? A sério? Até dá vontade de nos afogarmos...

Voltam a rir-se.

Mulher 1 – Kevin, por favor! Podes emprestar-lhe a pá, não podes?

Mulher 2 – E tu, Clara, deixa também de lhe puxar os cabelos!

Mulher 1 – Juro-te... É tal e qual o pai. Às vezes penso que quase preferia que ele se tivesse afogado...

Silêncio.

Mulher 1 – Eu disse mesmo isso...?

Mulher 2 – Não te preocupes. Eu também tenho vontade de matar alguém de vez em quando. Sobretudo no fim das férias escolares.

Mulher 1 – Apesar de tudo, adoro-los.

Mulher 2 – Claro.

Mulher 1 – Mas na segunda-feira também vamos ficar contentíssimas por voltar ao trabalho.

Mulher 2 – As férias escolares são uma invenção dos patrões para que os empregados regressem felizes ao trabalho depois.

Mulher 1 – Parece que está a ficar um pouco nublado, não?

Mulher 2 – Sim... Acho que vai chover.

Uma pausa.

Mulher 1 – O que farias se te saísse a lotaria?

Mulher 2 – Não sei... Operava o nariz.

Mulher 1 – O nariz? Mas tens um nariz ótimo. O que é que tens contra ele?

Mulher 2 – Faz-me lembrar o nariz da minha mãe. A minha mãe tem exatamente o mesmo nariz.

Mulher 1 – E então?

Mulher 2 – Não sei. Não o suporto...

Mulher 1 – Não será antes a tua mãe que não suportas?

Mulher 2 – Achas?

Mulher 1 – Tens-lhe um pó. Não a podes nem cheirar. É por isso que queres mudar de nariz.

Uma pausa.

Mulher 2 – E tu? O que farias se encontrasses um saco cheio de notas de quinhentos euros?

Mulher 1 – Ia trocá-las. O que queres que eu faça com notas de quinhentos euros? Já quando tenho uma de cinquenta não sei o que fazer com ela.

Mulher 2 – Passámos a vida a contar cada euro, a comprar roupa nos saldos, a comparar preços, a poupar em tudo. Gastar sem olhar, nem sei se saberíamos fazê-lo.

Mulher 1 – Pois... Sonhamos que nos saia a lotaria, mas se nos dessem agora vários milhões, nem saberíamos como gastá-los.

Mulher 2 – Antes de aprender a ser rico, é preciso desaprender a ser pobre.

Mulher 1 – A pobreza é uma coisa que se cola à pele. Não nos livramos dela assim sem mais nem menos. Quando se é pobre há séculos e séculos, geração após geração... Não. O dinheiro é melhor deixá-lo aos ricos.

Mulher 2 – Com as férias é a mesma coisa. Ao fim de algum tempo, quando temos demasiado tempo pela frente, já não sabemos o que fazer com ele.

Mulher 1 – O ócio e a opulência não são coisas que nos ensinem na escola.

Mulher 2 – Na escola ensinam-nos que o ócio é a mãe de todos os vícios.

Mulher 1 – Sim... Que o tempo livre é a recompensa por uma vida inteira de trabalho e que está reservado aos reformados que estão prestes a morrer.

Mulher 2 – Quando não morrem antes de tédio, porque não sabem o que fazer com todo aquele tempo livre que de repente lhes cai em cima.

Mulher 1 – Pois... Na escola ensinam-nos a trabalhar e a fazer contas. Para não fazer nenhum e atirar dinheiro pela janela, é preciso nascer numa família de multimilionários.

Uma pausa.

Mulher 1 – Se calhar devíamos dizer-lhes para pararem de cavar, não? Estão a fazer um buraco enorme.

Mulher 2 – Tens razão. Querem cavar uma sepultura ou quê?

A outra parece escutar o que dizem as crianças.

Mulher 1 – O que é que estão a dizer? Que desenterraram um saco?

Mulher 2 – Não mexam nisso, meninos. Deve ser uma porcaria qualquer.

Mulher 1 – Nunca se sabe... Se calhar é um cadáver cortado aos bocados.

Riem-se. Depois trocam um olhar um pouco inquieto.

Mulher 2 – Meninos, já chega. Tapem isso imediatamente e vamos para casa. Além disso, está quase a chover.

As duas mulheres levantam-se para sair.

Mulher 1 – Não nos esquecemos de nada?

Mulher 2 – Desde que não nos esqueçamos dos miúdos...

Saem.

3. O autor em questão

Chega um homem e senta-se no banco. Ao fim de um momento, fecha os olhos. Chega uma mulher e senta-se ao lado dele. Ao sentir a sua presença, ele abre os olhos.

Homem – Desculpe, não a ouvi chegar.

A mulher sorri. Silêncio.

Mulher – Estou a ouvi-lo...

Homem – Pensei que ia fazer-me alguma pergunta, pelo menos para começar.

Mulher – Ah, sim?

Homem – Julgava que isto funcionava assim. Que a senhora me fazia perguntas.

Mulher – Podia começar por se apresentar.

Homem – Apresentar-me? Quer dizer... nome, apelido, idade, profissão... como dizem os polícias?

Mulher – Considera esta entrevista um interrogatório? Então terá alguma coisa a pesá-lhe na consciência...

Homem – Aí apanhou-me.

Mulher – Também não estou aqui para o apanhar. Isto não é um jogo. Não haverá nenhum perdedor.

Homem – Está bem.

Mulher – Como se apresentaria ao mundo que o rodeia? Essa é a questão.

Homem – Já que é preciso escolher uma palavra, diria que sou autor. Escritor seria demasiado pretensioso. Os verdadeiros escritores são os grandes romancistas. Um autor de teatro limita-se a escrever diálogos.

Mulher – Então Shakespeare e Molière não seriam verdadeiros escritores?

Homem – As personagens das peças deles falavam em verso. Eu escrevo como as pessoas falam... Acho que a eles podemos chamar dramaturgos. Mas dramaturgo continua a soar-me um pouco sério demais.

Mulher – E porquê?

Homem – Porque dramaturgo tem drama lá dentro. Não me revejo muito nessa designação de dramaturgo ou autor dramático. Eu só escrevo comédias. A vida já é bastante trágica. Para quê acrescentar mais?

Mulher – Mas o senhor é um artista.

Homem – Também não gosto muito dessa palavra. Dá a impressão de que o artista não é uma pessoa como as outras, mas uma espécie de médium ligado a um além de onde teria a missão de trazer alguns ecos para o comum dos mortais. Eu só falo do mundo que nos rodeia. Um escritor, e sobretudo um poeta, talvez seja um artista. Um autor é um artesão. E um autor de teatro... podemos dizer que é um operário especializado.

Mulher – Em resumo, recusa-se a levar-se a sério... mas gostaria que os outros o levassem em consideração. É um pouco contraditório, não?

Homem – Nunca deveríamos dar demasiada importância a quem tem uma opinião demasiado elevada de si próprio. As comédias gozam, antes de mais, com as pessoas que se levam demasiado a sério.

Mulher – Vai publicar a sua centésima peça. São muitas...

Homem – Demasiadas, dirão alguns.

Mulher – A que se deve essa bulimia de escrita?

Homem – Sempre tive vontade de contar histórias. Talvez porque, quando era criança, nunca me contaram nenhuma. Acho que todas essas histórias que invento conto-as, antes de mais, a mim próprio.

Mulher – E, no entanto, começou a escrever bastante tarde...

Homem – Cervantes começou a escrever perto dos quarenta.

Mulher – Cervantes... Afinal, apesar de tudo, toma um romancista como modelo.

Homem – Dom Quixote é, antes de mais, uma personagem cómica. Precisamente porque se leva demasiado a sério. E porque confunde os seus sonhos com a realidade.

Mulher – Confundir os sonhos com a realidade é uma loucura. Tentar transformar os sonhos em realidade é um projeto razoável.

Homem – Transformar os sonhos em realidade é o objetivo tanto da religião como do teatro. E tanto na igreja como no teatro, essa realidade depende de um ato de fé do público. Foi provavelmente por considerar o teatro um concorrente perigoso que a Igreja perseguiu os atores com tanto zelo.

Mulher – E se a própria realidade não passasse de uma ilusão, o senhor e eu não seríamos mais do que criaturas fictícias do grande encenador do universo.

Homem – O que nos leva de volta a Shakespeare: o mundo inteiro é um palco.

Mulher – E nós limitamo-nos a passar por ele...

Ela levanta-se e estende-lhe a mão. Ele segura-a e levanta-se também. Saem.

4. As ovelhas

Chega um homem e senta-se no banco. Tira do saco um novelo de lã e umas agulhas e começa a tricotar. Chega uma mulher, com um sorriso eleitoral nos lábios e um molho de panfletos na mão.

Mulher – Bom dia, senhor. Posso incomodá-lo por um segundo?

Homem – Eh... Sim.

Mulher – O que está a tricotar? Que bonito. Um cachecol para a sua avó... ou para a sua neta?

Homem – Uma corda para me enforcar.

Mulher – Ah, sim, de lã... Para o inverno também é bom.

Homem – Trabalhava numa fábrica têxtil, mas fechou há dois anos. Desde então estou desempregado. A minha mulher deixou-me, tive de vender a casa e...

Mulher – Bom, eu também não tenho o dia todo, mas... acha que vai ser suficientemente resistente?

Homem – É lã virgem. Muito resistente, embora dê um pouco de comichão à volta do pescoço. Quer experimentar?

Mulher – Talvez noutra ocasião... Apresento-me, e nunca a palavra fez tanto sentido: chamo-me Marlene Pila.

Homem – Pila? É mesmo o apelido?

Mulher – Desculpe?

Homem – Não, é que...

Mulher – Ah, sim! Sim, é o apelido.

Homem – Está bem. Então candidata-se às eleições.

Mulher – Exatamente! Já conhece o nosso programa?

Homem – Não, mas... vi o seu nome escrito numa parede.

Mulher – Viu os nossos cartazes, ótimo. Então também conhece o nosso slogan!

Homem – Na verdade era mais um graffiti. E dizia... «Com a Pila, vai levá-la no...». Enfim, não achei muito fino, mas pronto.

Mulher – Ah, não! Isso é uma falsificação horrível. Garanto-lhe, meu caro senhor. O nosso slogan é: «Com Marlene, vai tê-la por cinco anos».

Homem – Pois... Eles só acrescentaram «no...» antes de «por cinco anos».

Mulher – Infelizmente, ainda há pessoas que nos odeiam... e sabe porquê?

Homem – Porque são neonazis?

Mulher – Porque defendemos os trabalhadores, como o senhor.

Homem – Eu era o diretor dessa fábrica.

Mulher – Também defendemos os quadros.

Homem – Na verdade, eu era o patrão. Tinha herdado a fábrica do meu pai, que por sua vez a tinha herdado do meu avô.

Mulher – Não se preocupe. Também defendemos os patrões e os rentistas.

Homem – Defender ao mesmo tempo os trabalhadores contra os patrões e os patrões contra os trabalhadores... é possível?

Mulher – É possível quando se rejeita o conceito pernicioso da luta de classes, que é uma invenção da esquerda para dividir o povo. Para nós, só há um inimigo: o estrangeiro. O estrangeiro de fora e o estrangeiro de dentro.

Homem – O meu avô era libanês e a nossa fábrica empregava sobretudo trabalhadores do Magrebe.

Mulher – E as ovelhas?

Homem – Desculpe?

Mulher – Fiavam lã, não era?

Homem – A lã vinha da Caxemira.

Mulher – No que diz respeito à indústria, nós defendemos o direito do solo. Desde que seja fabricado no nosso país...

Homem – Pois agora é fabricado na China...

Ela põe-lhe um panfleto na mão.

Mulher – Enfim, deixo-lhe o nosso programa.

Ele olha para o panfleto.

Homem – «Com Marlene, vai tê-la por cinco anos»...

Mulher – Pelo menos, ao contrário dos outros candidatos, eu não faço promessas que não possa cumprir. Posso contar consigo no domingo?

Homem – Se não me tiver enforcado antes.

Mulher – No dia do Senhor, não... Espere pelo menos até segunda-feira!

Ela afasta-se. Ele volta a olhar para o programa com ar duvidoso, levanta-se e sai também.

5. Pausa para café

Chegam dois polícias à paisana e sentam-se no banco para beber um café num copo de cartão.

Polícia 1 – Em que estás agora?

Polícia 2 – O costume. Uma mãe que deixou o filho afogar-se numa piscina.

Polícia 1 – Homicídio por negligência?

Polícia 2 – Mais um ato falhado.

Polícia 1 – E o nadador-salvador, onde estava?

Polícia 2 – Nos balneários, precisamente com a mãe. Estava a ensinar-lhe a fazer respiração boca-a-boca.

Uma pausa.

Polícia 2 – E tu?

Polícia 1 – Um tipo que apanhou dez anos por assaltar um casino. Nunca se encontrou o dinheiro.

Polícia 2 – Está tudo tão caro... Daqui a pouco, quando assaltarem um supermercado, já nem levam a caixa. Saem de lá com pacotes de massa e garrafas de óleo.

Polícia 1 – Ele teve de esconder o dinheiro em algum lado.

Polícia 2 – E então?

Polícia 1 – Acabou de sair da prisão. Estamos de olho nele, caso lhe dê para ir buscar o dinheiro.

Polícia 2 – Quanto?

Polícia 1 – Uns cinco milhões.

Polícia 2 – O jackpot.

Polícia 1 – O tipo deve ter achado que era mais seguro assaltar um casino do que ficar à espera que lhe saísse a lotaria.

Silêncio.

Polícia 2 – Porque escolheste esta profissão?

Polícia 1 – Não sei. Quando era miúdo, jogávamos aos polícias e ladrões. E eu, como um idiota, pensei que com uma farda teria mais hipóteses de engatar.

Polícia 2 – Azar o teu: és polícia à paisana.

Polícia 1 – Deve ser por isso que continuo solteiro. E tu?

Polícia 2 – Eu continuo casado. Por enquanto...

Polícia 1 – Não, quero dizer: porque é que tu escolheste a polícia?

Polícia 2 – Para salvar o mundo. Quando era miúdo era fascinado por super-heróis. Como não tinha superpoderes, entrei para a polícia. Ao menos para ter uma pistola. E afinal nem sequer tens o direito de a usar. Nem para te suicidares.

Polícia 1 – Devíamos ter sido nadadores-salvadores. Não tens muitas oportunidades de salvar vidas, mas pelo menos podes passar o dia a olhar para mulheres de fato de banho.

Polícia 2 – Não tínhamos físico para nadadores-salvadores.

Polícia 1 – Deve ser por isso que acabámos na polícia. A propósito, está na hora de voltar ao trabalho.

Polícia 2 – O teu assaltante de casinos anda por aqui?

Polícia 1 – Os guardas do jardim viram-no esta manhã com uma cúmplice. Estavam a brincar naquela caixa de areia com uma pá.

Polícia 2 – Pelo menos souberam conservar a alma de criança. Nós também devíamos ter escolhido ser ladrões em vez de polícias.

Chega uma mulher com um molho de panfletos na mão.

Mulher – Bom dia, senhores. Gostam de teatro?

Polícia 2 – Somos mais de séries policiais, mas pronto...

Mulher – É uma pequena comédia que está em cena numa sala aqui ao lado, todos os dias menos segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado.

Polícia 1 – Ou seja, todos os domingos.

Mulher – Às 18h37 em ponto. Têm sorte: começa daqui a um quarto de hora.

Entrega um panfleto a cada um. Eles pegam neles e dão uma vista de olhos.

Polícia 1 – *Lendo o panfleto.* «Má peça procura bom público». É esse o título?

Mulher – É teatro de vanguarda. Teatro dentro do teatro e essas coisas, percebem?

Polícia 2 – E é sobre o quê?

Mulher – É a história de um autor que está prestes a escrever a centésima peça e fica paralisado pelo medo da página em branco.

Polícia 1 – Parece uma bela seca, não?

Mulher – Olhe, eu só distribuo os panfletos.

Polícia 2 – A senhora não entra na peça?

Mulher – Não.

Polícia 1 – Mas viu a peça, pelo menos.

Mulher – O autor ainda não a escreveu. Pelo menos foi isso que percebi.

Polícia 2 – Portanto, está a distribuir publicidade de uma peça que ainda nem foi escrita.

Mulher – Ainda tem um quarto de hora...

Polícia 1 – Um quarto de hora? Para o autor escrever a peça, os atores decorarem o texto e o encenador ainda ter tempo de lhes dar umas indicações?

Mulher – Por outro lado, também não põe a fasquia muito alta... «Má peça procura bom público». Quase parece que estou a pedir esmola.

Polícia 2 – Mas pagam-lhe?

Mulher – Nem isso. Só me convidaram para a estreia.

Polícia 1 – Esta noite, portanto.

Mulher – Vêm?

Polícia 2 – Porque não?

Mulher – Digam que vêm da minha parte. Dão-vos duas entradas pelo preço de uma.

A mulher afasta-se.

Polícia 1 – Estás mesmo a pensar ir?

Polícia 2 – Não, mas ela parecia tão desesperada...

Polícia 1 – Bom, então ao trabalho.

Levantam-se e saem.

6. Pelos cabelos

Chegam dois reformados com toda a calma do mundo e sentam-se no banco. Ficam um momento a olhar em frente, em silêncio.

Reformado 1 – Então?

Reformado 2 – Mal.

Reformado 1 – Pois, isso já estou a ver. Não tens bom ar. O que se passa?

Reformado 2 – O mundo inteiro está a desabar à nossa volta e tu perguntas-me o que se passa?

Reformado 1 – Ah, sim... O mundo... Assustaste-me. Pensei que se passava alguma coisa.

Reformado 2 – Não, não, descansa, está tudo bem. Aqui estamos nós, confortavelmente sentados no nosso banco, como passageiros de primeira classe no Titanic. Preferimos não saber o que se passa no porão. E esperamos tranquilamente até bater num iceberg e desaparecer no fundo do abismo.

Reformado 1 – Dormiste mal, foi isso?

Reformado 2 – Mas não percebes? Vivemos numa ilhazinha de riqueza rodeada por um oceano de miséria.

Reformado 1 – Hoje estás muito dado às metáforas marítimas...

Reformado 2 – Pois.

Reformado 1 – Vais votar no domingo?

Reformado 2 – Sinceramente, já nem sei se vale a pena.

Reformado 1 – Votas à esquerda ou à direita?

Reformado 2 – A esquerda, a direita... Já nem sei muito bem o que isso quer dizer. No fim, fazem todos a mesma política.

Reformado 1 – Ninguém nos vai aumentar as reformas, isso é certo. Mas ainda há as questões sociais.

Reformado 2 – Nem me fales das questões sociais... Eu era professor de Matemática. O meu pai era professor primário. O meu avô era republicano espanhol. A esquerda que eu conheci era anticlerical. O laicismo, a libertação dos costumes, o feminismo, a pílula, o aborto... Tudo isso era a esquerda.

Reformado 1 – E...?

Reformado 2 – Em todo o caso, lutava contra o conservadorismo religioso. A minha esquerda comia padres, porque a religião católica era a religião dos patrões. A esquerda de hoje carrega as malas do fundamentalismo com o pretexto de que, desta vez, seria a

religião dos oprimidos. Desculpa, mas eu continuo marxista: a religião é o ópio do povo. Ponto final.

Reformado 1 – Tem calma, ainda te vai dar qualquer coisa.

Reformado 2 – Afinal, tens razão. O que é que nós temos a ver com tudo isso? Daqui a uns anos, o aborto voltará a ser proibido em toda a Europa, como já acontece nos Estados Unidos, homens e mulheres deixarão de ir juntos à piscina, a escola pública terá desaparecido em benefício das escolas religiosas. Mas nós já estaremos mortos...

Reformado 1 – Estás pelos cabelos?

Reformado 2 – Sim, estou pelos cabelos...

Reformado 1 – Então anda, vamos beber qualquer coisa. Vais ver que isso passa.

Levantam-se e afastam-se.

7. O banco da discórdia

Chegam um homem e uma mulher. Olham para o banco.

Mulher – Então é este?

Homem – Sim, senhor Presidente. Quer dizer, senhora Presidente.

Mulher – Então, na sua opinião, o mais simples seria tirá-lo daqui?

Homem – Tornou-se o ponto de encontro de todos os toxicodependentes do bairro.

Mulher – Mas o jardim fecha à noite, não fecha?

Homem – Basta saltar a vedação. Todas as manhãs encontramos seringas por todo o lado. Já encontrámos algumas até na caixa de areia. Uma criança podia picar-se com uma. Várias mães queixaram-se à câmara, e lembro-lhe que toda mãe de família é também uma eleitora.

Mulher – Por outro lado, é precisamente neste banco que essas mães se sentam para vigiar os filhos enquanto eles brincam na areia com seringas usadas.

Homem – Sim.

Mulher – Então, se tirarmos o banco, onde é que elas vão sentar o rabo?

Homem – Também é verdade.

Mulher – É aquilo a que se chama um dilema.

Homem – Sim.

Silêncio.

Mulher – Sabe exatamente o que significa a palavra «dilema»?

Homem – Não.

Mulher – Eu também não. Tenho de ver isso quando voltar. É uma palavra que uso muito ultimamente.

Homem – Sim.

Mulher – Bom, o que fazemos? Deixamos o banco, os toxicodependentes continuam a usá-lo para se injetarem e as mães continuam aterradas com a ideia de os filhos apanharem sida. Ou tiramos o banco e já ninguém se pode sentar.

Silêncio.

Homem – Ou então pomos um segundo banco.

Mulher – Um segundo banco?

Homem – Para os toxicodependentes.

A mulher olha para o banco e depois para o homem.

Mulher – Não é má ideia.

Homem – Obrigado.

Mulher – Mas o que nos garante que cada um se senta no banco que lhe está reservado?

Homem – Pomos uma placa.

Mulher – Uma placa? Tipo... «Banco reservado a toxicodependentes». Acabávamos de inventar uma sala de consumo assistido ao ar livre. Não sei se todos os nossos munícipes veriam isso com bons olhos.

Homem – Fazemos ao contrário. Neste banco pomos: «Banco reservado a pais acompanhados dos filhos».

A mulher pensa.

Mulher – Senhor Vice-Presidente, o senhor é um génio.

Homem – Obrigado, senhora Presidente.

Sentam-se os dois no banco.

Mulher – A verdade é que teria sido uma pena tirar este banco.

Tira um charro do bolso.

Mulher – Um charrozinho?

Homem – Vá lá...

Ela acende o charro, dá duas passas e passa-o ao outro.

Mulher – Agora só falta esperar que aos toxicodependentes não lhes dê para virem injetar-se com os filhos...

Ele olha para ela, perplexo. Levantam-se e saem.

8. Encontro romântico

Chega um homem. Hesita, olha à sua volta, consulta o relógio e acaba por se sentar. Chega uma mulher.

Mulher – Bom dia. É o senhor...?

Ele levanta-se.

Homem – Sim. Desculpe, cheguei um pouco cedo.

Mulher – Eu também.

Homem – Sente-se, por favor.

Sentam-se os dois. Silêncio embaraçado.

Mulher – Um encontro num jardim, num banco público... É original.

Homem – Sim. É... É por causa da canção...

Mulher – Da canção...?

Homem – A canção do Brassens. Sabe, aquele famoso cantor francês... Os namorados que se beijam nos bancos públicos.

Mulher – Ah, sim... Bom, ainda não chegámos a esse ponto.

Homem – Não, claro... Desculpe...

Mulher – Não, é muito romântico. Além disso... tem um ar muito simpático.

Homem – Obrigado.

Silêncio.

Mulher – É curioso. Não nos conhecemos e... nem sequer me apetece fazer-lhe perguntas.

Homem – A mim também não.

Mulher – Tenho a impressão de já saber tudo o que preciso de saber sobre si.

Homem – Eu também. É estranho, de facto.

Uma pausa.

Mulher – Imagine. Um homem e uma mulher conhecem-se. Não fazem perguntas um ao outro sobre o passado. E passam o resto da vida juntos, como se a vida deles tivesse começado naquele dia.

Homem – Sem que nenhum saiba de onde vem o outro nem o que fez antes.

Mulher – Acha que seria possível?

Homem – Quando duas pessoas vivem juntas, acabam sempre por saber tudo uma sobre a outra, não?

Mulher – Então teriam de não viver juntos.

Homem – Não viver juntos?

Mulher – Digamos que se encontram todas as quintas-feiras, à mesma hora, no mesmo banco. Passam algum tempo juntos e depois cada um segue o seu caminho.

Homem – Sem que nenhum conte nada da sua vida pessoal?

Mulher – Nada.

Homem – Mas amam-se?

Mulher – Ah, sim, claro.

Homem – É que, num banco...

Mulher – Para umas cambalhotas, há sempre os arbustos ali ao lado.

Homem – Sim, é... É muito romântico.

Mulher – Podia ser o tema de um romance, não?

Homem – É verdade. É muito romanesco.

Mulher – Mas...?

Homem – Um homem e uma mulher que não sabem nada um sobre o outro e que se encontram às escondidas num jardim uma vez por semana para dar umas cambalhotas nos arbustos...

Mulher – Tem razão. Parece bastante um encontro entre uma prostituta e um cliente habitual.

Homem – Sim...

Silêncio.

Mulher – Quando vinha para cá, reparei num pequeno hotel aqui perto...

O homem levanta-se precipitadamente.

Homem – Vamos.

Ela levanta-se também. Saem.

9. Sem-abrigo

Chega uma mulher sem-abrigo e instala-se no banco. Chega outro sem-abrigo.

Homem sem-abrigo – Eh, esse é o meu banco!

Mulher sem-abrigo – O teu banco?

Homem sem-abrigo – Exatamente.

Mulher sem-abrigo – É um banco público. Como é que pode ser teu?

Homem sem-abrigo – Tu és nova, não és?

Mulher sem-abrigo – Porquê?

Homem sem-abrigo – Não conheces as regras.

Mulher sem-abrigo – Que regras?

Homem sem-abrigo – As regras. A lei da rua.

Mulher sem-abrigo – E quem é que inventou essas regras? Tu?

Homem sem-abrigo – Não.

Mulher sem-abrigo – Então porque é que este banco havia de ser teu?

Homem sem-abrigo – Bem... porque já durmo nele há uma semana.

Mulher sem-abrigo – Há imensos bancos neste jardim. E à noite o jardim está fechado. Escolhe outro.

Homem sem-abrigo – Pois, mas estou habituado a este.

Mulher sem-abrigo – Para um sem-abrigo, és bastante caseiro.

Homem sem-abrigo – Caseiro? Eu?

Mulher sem-abrigo – Não sabes o que isso quer dizer, pois não?

Homem sem-abrigo – Não.

Mulher sem-abrigo – Vá, senta-te. Eu procuro outro banco, se gostas assim tanto deste.

O homem hesita por um instante e depois senta-se.

Homem sem-abrigo – Vais ver. Quando já não tens casa, os hábitos são tudo o que te resta.

Mulher sem-abrigo – Espero não me habituar a dormir na rua.

Homem sem-abrigo – Todos dizemos isso. Ao princípio... Há quanto tempo estás na rua?

Mulher sem-abrigo – Não sei... Um mês. E tu?

Homem sem-abrigo – Eu já nem sei. Quinze anos. Vinte. A rua é como a prisão. Só que estás fechado cá fora.

Mulher sem-abrigo – Eu acabei de sair da prisão. Acredita, prefiro estar cá fora. Já estiveste preso alguma vez?

Homem sem-abrigo – Não.

Mulher sem-abrigo – Não me admira. Tens ar de boa pessoa.

Homem sem-abrigo – Às vezes preferia ter cara de poucos amigos. Na rua, ajuda a fazer-nos respeitar.

Uma pausa.

Homem sem-abrigo – Não estava ninguém à tua espera quando saíste da prisão?

Mulher sem-abrigo – Já me dava mal com a minha família antes... Quando se esteve na prisão, fica-se como um leproso. As pessoas preferem evitar-nos. E, no entanto, a prisão não é contagiosa.

Homem sem-abrigo – O que fizeste para ir parar à prisão?

Mulher sem-abrigo – O meu patrão assediava-me demasiado. Cortei-lhe a carótida com um x-ato.

Homem sem-abrigo – Com um currículo desses, não vai ser fácil arranjares trabalho.

Mulher sem-abrigo – Vou para o sul trabalhar nas vindimas. Felizmente, na agricultura falta mão-de-obra, por isso não são muito exigentes. Pelo menos terei onde dormir.

Homem sem-abrigo – Enquanto durarem as vindimas, pelo menos.

Mulher sem-abrigo – Não queres vir comigo?

Homem sem-abrigo – Já perdi o hábito de trabalhar. Para te levatares de manhã e ires trabalhar, primeiro tens de ter dormido numa cama.

Mulher sem-abrigo – Lá dão-te uma cama.

Homem sem-abrigo – Já nem sei se ainda sei dormir numa cama. Tem cuidado. Quando te esqueceres de como se dorme numa cama, aí sim, estarás mesmo na rua.

Mulher sem-abrigo – Fica com o teu banco.

Homem sem-abrigo – Obrigado.

Ela afasta-se. Ele vê-a partir, parece hesitar e acaba por se levantar também.

Homem sem-abrigo – Espera...!

Sai.

10. As pessoas

Chega um homem muito elegantemente vestido, de cartola, seguido por outro com uniforme de motorista e boné.

Motorista – O senhor não se preocupe. A assistência vem buscar o Rolls e já está a caminho outro carro para nos levar de volta ao castelo.

Multimilionário – Obrigado, meu caro.

O motorista limpa o banco com um lenço.

Motorista – Se o senhor quiser sentar-se.

O multimilionário senta-se e olha à sua volta.

Multimilionário – Tudo isto é muito pitoresco... Mas onde estamos exatamente?

Motorista – Exatamente... estamos na esquina da Rua da Paz com a Rua...

Multimilionário – Não, quero dizer: o que é este lugar?

Motorista – É um jardim, senhor.

Multimilionário – Um jardim?

Motorista – Um jardim público.

Multimilionário – A sério?

Motorista – Achei que, para esperar pelo carro, seria melhor do que ficar na rua ou entrar num café. Este é um bairro muito popular, sabe? Pessoas como eles não estão habituadas a ver pessoas como o senhor.

Multimilionário – Pessoas como eu...?

Motorista – Pessoas da sua condição.

Multimilionário – Podíamos ter passado incógnitos. Não têm como saber que sou barão e que possuo a quinta maior fortuna da Europa.

Motorista – Acredite, senhor, não teria passado despercebido.

O multimilionário volta a olhar à sua volta.

Multimilionário – Um jardim público...

Motorista – Como o jardim do castelo do senhor, mas aberto a toda a gente.

Multimilionário – Mas não vejo castelo nenhum...

Motorista – O castelo é... a câmara municipal.

Multimilionário – Percebo.

Motorista – As pessoas vêm aqui com os filhos para apanhar um pouco de ar.

Multimilionário – Ah, sim... As pessoas...

Motorista – Quando não estão a trabalhar, claro.

Multimilionário – Evidentemente. Até está bastante limpo. E... suponho que sejam as próprias pessoas a tratar disto, não? Acho que se chama hortas comunitárias.

Motorista – Eh... Não, senhor. As hortas comunitárias servem para cultivar legumes. Isto é um jardim público. É mantido pelos jardineiros da câmara.

Multimilionário – Percebo. E as pessoas vêm aqui descansar.

Motorista – Exatamente. Para repor a força de trabalho, como diz Marx.

Multimilionário – Desculpe?

Motorista – Karl Marx, senhor. Para Marx, o trabalho é uma mercadoria. E o seu valor equivale ao valor do conjunto dos bens materiais e imateriais necessários à sua reprodução. Ou seja, não apenas a habitação e a alimentação, mas também algumas distrações indispensáveis para evitar que o proletário caia numa depressão e se deixe tentar pelo suicídio.

Multimilionário – Já percebi... Pão e circo, como dizia Júlio César...

Motorista – Sim, se o senhor preferir. Mas, se me permite, o fenómeno da luta de classes, que conduz inevitavelmente à ditadura do proletariado, está muito melhor analisado n'*O Capital*.

Multimilionário – Leu *O Capital*?

Motorista – O senhor não?

Multimilionário – Confesso que não...

Motorista – Tenho sempre um exemplar no Rolls. Como passo muito tempo à espera do senhor, aproveito para me instruir. É o meu livro de cabeceira, como se costuma dizer. Para alguns é a Bíblia; para mim é *O Capital*.

Multimilionário – Mas diga-me, meu caro... Está bem, leu *O Capital*, mas não me diga que é marxista?

Motorista – Sou, senhor.

Multimilionário – Karim, além de muçulmano, também é marxista?

Motorista – Sim, senhor.

O multimilionário olha para ele, perplexo.

Multimilionário – Não faz mal. Fica ao meu serviço na mesma.

Motorista – Obrigado, senhor...

O telemóvel do multimilionário toca e ele atende.

Multimilionário – Ah, minha querida, é você. Aconteceu-nos uma coisa absolutamente rocambolesca. Rebentou uma mangueira do Rolls no meio de um bairro popular e

tivemos de nos refugiar num jardim... Um jardim, minha querida. Um jardim público, se preferir. *Mais baixo*. Mas diga-me, minha querida, sabia que o nosso motorista era marxista? Não, não, claro que não me incomoda, mas... podia ter-me avisado. Bom, falamos disso depois, está bem?

O telemóvel do motorista também toca e ele atende.

Motorista – Está bem, obrigado... *Ao multimilionário*. O seu carro está à espera, senhor.

Levantam-se para sair.

Multimilionário – Muito bem, então vamos... Mas, afinal, esta aventura foi bastante divertida, não acha?

Motorista – Sim. Aliás, faz-me lembrar um filme...

Multimilionário – Um filme? Que filme?

Motorista – Um filme com Louis de Funès, senhor.

Multimilionário – Não me diga que, além de muçulmano e comunista, também é cinéfilo?

Saem.

11. As fichas

Regressam os dois delinquentes da primeira cena.

Homem – Desta vez já se foi toda a gente.

Mulher – O jardim está fechado e já é noite. Não devíamos estar aqui.

Homem – O que foi, estás com medo?

Mulher – Isto que estamos a fazer não é propriamente legal.

Homem – O que é que não é legal? Saltar a vedação de um jardim ou desenterrar um saco de dinheiro roubado num casino?

Mulher – Bom, se tu dizes que é aqui...

Homem – Já te disse que é aqui. Vá, cava...

A mulher tira a pá do saco.

Mulher – Está bem.

Escuro. Luz.

Os dois olham para um saco pousado no banco.

Homem – Vês como te disse que estava aqui?

Mulher – Tinhas razão.

Homem – Então vá, abre-o.

Mulher – Aqui?

Homem – Podemos sempre dar uma vista de olhos.

A mulher abre o saco com impaciência. Fica surpreendida com o que vê. Tira um punhado de fichas de casino.

Mulher – Mas o que é isto?

Homem – Foi o que consegui apanhar no casino.

Mulher – Fichas?

Homem – Sim, fichas. Mas aí dentro está uma fortuna, sabes?

Mulher – Fichas? Roubaste fichas?

Homem – Podemos sempre ir trocá-las à caixa, não?

Mulher – Pois... Também podemos roubar um carrinho de supermercado antes de quem o encheu passar pela caixa.

Homem – O croupier tinha acionado o alarme. Foi tudo o que tive tempo de apanhar. Já ouvia as sirenes da polícia.

A mulher olha para o saco, perplexa, e depois levanta os olhos para ele.

Mulher – Pois... Contigo, realmente, saiu-me o jackpot.

Homem – Eu pensei que podíamos trocá-las na caixa...

Uma pausa.

Mulher – Ainda há uma coisa que não percebo.

Homem – O quê?

Mulher – Se só roubaste fichas, porque é que apanhaste dez anos de prisão?

Homem – Não sei... Nos jornais, o dono do casino disse que lhe tinham roubado vários milhões.

Mulher – Já percebi... Deve ter declarado que também lhe roubaram todo o dinheiro da caixa e depois recebeu o seguro.

Homem – Há gente muito desonesta, juro-te.

Mulher – Pois...

Homem – Então, o que fazemos?

Mulher – Com isto tudo, o dono do casino duplicou a aposta. Se lhe levores as fichas, talvez aceite comprá-las por metade do valor em troca do teu silêncio.

Homem – Achas?

Mulher – Podemos sempre tentar.

Saem.

Regressam os dois polícias e param um instante diante do banco.

Polícia 1 – Não percebi nada. E tu?

Polícia 2 – Sabes como é o teatro de vanguarda.

Polícia 1 – Bom, também só pagámos uma das duas entradas.

Chega a mulher que antes lhes tinha distribuído os panfletos.

Mulher – Então? Gostaram?

Polícia 2 – Sim, não foi mau...

Polícia 1 – Portanto, era a centésima peça dele?

Mulher – É o que dizem.

Polícia 2 – A verdade é que, sendo a centésima, podia ter-se esforçado um pouco mais.

Mulher – Pois...

Polícia 1 – Quer vir beber qualquer coisa connosco? Nós pagamos...

Mulher – Porque não?

Polícia 2 – Vamos.

Polícia 1 – E, além do teatro, o que faz na vida?

Saem.

Escuro.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :*

*<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>*

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-415-3

Documento para download gratuito